

# ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

LYCURGO DE CASTRO SANTOS FILHO  
(Discurso proferido na inauguração da nova  
sede da AGL)

Estou bastante emocionado. Jamais pensei em assistir ao que estou presenciando. Julguei que mesmo depois de minha morte muitos anos ainda decorreriam para acontecer este autêntico milagre, que é a inauguração da nova sede da Academia Campinense de Letras.

Não! Nem eu, nem o fundador Francisco Ribeiro Sampaio — a quem rendo a homenagem da Academia — nem a acadêmica Maria Conceição de Arruda Toledo, que sonhava acordada com um edifício condigno, nem aqueles confrades que juntos, certa vez, procuramos casas e salas para uma hipotética aquisição nem um de nós ousou almejar este palácio de colunas dóricas que hoje estamos inaugurando.

Senhoras e senhores! Não me farto e não me furto agora de dizer que o impossível aconteceu! Graças à visão esclarecida de um operoso administrador, graças à cultura e ao rescoritino do Prefeito Municipal de Campinas, Lauro Péricles Gonçalves, construiu-se este edifício que se incorpora ao patrimônio arquitetônico, artístico e cultural da cidade, como a sua melhor expressão.

Devo confessar que não estamos, os membros da Academia, orgulhosos. O orgulho neste momento não caberia. Estamos, isso sim, contentes e alegres, e é com satisfação que recordamos o passado, passado que se revestiu de trabalhos, e que foi — digo-o sem rebuços e sem modéstia — uma gloriosa ascensão. De lance em lance, ano após ano, vencemos suplantando percalços, incompreensões, mentiras e invejas, até alcançarmos o prestígio que ora desfrutamos e a consideração que nos cerca. E se nós, os atuais ocupantes das quarenta cadeiras, nos felicitamos pelo êxito obtido, ao mesmo tempo evocamos, numa simbolização da imortalidade acadêmica, os confrades que já desapareceram.

Bem sei que eles estão sempre presentes nos fastos, nos anais culturais e na memória de seus sucessores. Entretanto é justo, repito, que numa reafirmação da imortalidade acadêmica, os seus veneráveis nomes sejam agora mencionados, sem qualificações ou adjetivos, pois foram acadêmicos e nessa palavra estão implícitos os seus méritos.

Assim, senhoras e senhores, é com profundo respeito que passo a declinar os nomes honrados e aureolados daqueles que em vida se chamaram Benedito Sampaio, monsenhor Emílio José Salim, Waldemar Cesar da Silveira, Carlos Francisco de Paula, Herculano Gouvêa Neto, Armando dos Santos, Paulo de Castro Pupo Nogueira, Rafael de Andrade Duarte, Sebastião Alvarenga, Francisco de Assis Iglésias, Norberto de Souza Pinto, Adalberto Prado e Silva, Carlos Penteado Stevenson, Dante Alighieri Vita, João Penido Burnier, André Leme Sampaio, Alexandre Chiarini e David Antunes.

Os ecos desses nomes de beletristas, de jornalistas, de educadores, de filólogos, de juristas e de homens de ciência, pela vez primeira ressoam neste salão nobre e aqui encherão o ambiente, impregnarão as cortinas, as paredes, e aqui permanecerão através dos tempos. São espíritos imortais.

Sr. Prefeito Lauro Péricles Gonçalves! Cumpro agora um dever de pura justiça ao conceder à V. Excia. o título de Membro Honorário da Academia Campinense de Letras. Entregando-lhe o diploma, a medalha acadêmica eu lhe expressei o meu agradecimento e a gratidão de todos os confrades da Academia, da qual V. Excia. é presidente honorário por força do cargo que ocupa, e à qual passa agora a pertencer pelo muito que fez pela entidade campinense.

CMP 2.3.1.124

Íllaris do Povo - 25-V-1976